

# Jorge Gabriel

## Tempo de Antena

**Só é admissível a vitória do nosso clube, nem que para tal o golo tenha de ser obtido no último minuto com a mão e em posição claríssima de fora-de-jogo**

Dizia-me um amigo que muito prezo, há poucos dias, que estava farto de honestidade e poucos títulos. Embasbacado não repliquei por tanta consideração possuir pelo meu interlocutor. No limite, admiti tratar-se de um desabafo de quem, levado pela paixão, perdeu valores e sentido ético necessários para o cumprimento, escrupuloso, das leis de qualquer jogo. Da própria vida.

A este propósito, recordei a minha última visita ao Estádio José Alvalade onde, por saudável proximidade com outros apaixonados verde e brancos, constatei o mesmo “deficit” de educação desportiva. Só é admissível a vitória do nosso clube, nem que para tal o golo tenha de ser obtido no último minuto com a mão e em posição claríssima de fora-de-jogo.

Descarregamos fel nos adversários, esconjuramos árbitros e somente em circunstâncias extremas vilipendiamos os nossos. Em casa, porque reconhecimento público, a outras cores, dos defeitos intrínsecos à condição dos nossos malogros, jamais em tempo algum admitimos. Aliás, destilamos imediatamente os erros dos antagonistas para ignorarmos os nossos. Com o mal dos outros podemos nós.

Sugiro um exercício semanal de leitura. Mantenham na vossa posse jornais desportivos onde o vosso clube tenha ganho. Façam o mesmo quando a equipa perder e comparem os comportamentos dos que idolatramos. É muito raro que se acatem responsabilidades. Descartam-se os erros noutros. De preferência nos árbitros, a quem são atribuídas as culpas das misérias internas, dos aselhas, das más figuras, das opções tácticas que nem ao diabo lembrariam.

Porém aos adeptos ainda se compreendem atitudes menos próprias. Desequilíbrios emocionais em fim de estação porque os clubes já não são nossos. São de umas SAD's e de respectivos gestores a quem entregamos de mão beijada este amor pálido, a desvanecer.

Gestores que escurecem o negócio como o presidente da Académica de Coimbra. Num dia reclama que arrastam o clube para a II Liga, noutro empresta – sim, empresta, não é engano – o seu melhor jogador ao clube que beneficiou da tal arbitragem, tida como habilidosa. E será que não há ninguém em Coimbra que questione a vantagem deste empréstimo, em vez da venda do atleta?

Meandros... chamam-lhes assim. Precipitações? Algumas. Como é o caso de Wender. Empréstimo disparatado. Negócio ruinoso e de repente, o brasileiro falhou uma grande penalidade e está tudo a assobiar para o ar. A ligeireza da análise e a falta de cuidado na detecção dos factores da opção de Paulo Bento em emprestar o atleta empurraram os sportinguistas para um desespero imprudente. Nem Wender se tornou banal, nem adquiriu estatuto de estrela da companhia.

Termino este tempo de antena apelando ao voto. Usem-no. Muitos padeceram para que acto de liberdade estivesse ao alcance de todos. A cidadania expressa-se quando oportunamente demonstramos a nossa vontade. Que ela se traduza no seu voto.